

04 MAR 1994

O orgulho necessário

7661 84VW 7 0

JORNAL DA TARDE

MAURO SANTAYANA

Glória Brasil

"A Revolução foi menos a melhoria da sorte e o crescimento da segurança individual do que o triunfo do orgulho nacional. O sistema de servidões na propriedade rural e os entraves à indústria nas cidades foram abolidos pelo povo menos como onerosos do que como injuriosos, e não houve aldeão, por mais grosseiro fosse, que não tivesse sido mais feliz em ver acabar as humilhações do que em retirar vantagens materiais da mudança" — escreveu, em 1831, Pierre Louis-Roederer, a propósito da Revolução Francesa. É um depoimento quase contemporâneo, uma vez que se haviam passado apenas quatro décadas do grande acontecimento.

Se Louis-Roederer houvesse desenvolvido a sua tese, descobriria que toda desigualdade é uma ofensa, mesmo quando ela se assenta no mérito. Para a burguesia, que teve o seu ato de crisma naqueles dias e anos turbulentos, o mérito deve conferir distinções que excedam as do próprio mérito, e isso — por obra do grande arquiteto do Estado, que foi Sieyès — ficou consagrado na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão.

O que é o triunfo do orgulho nacional? É, em suma, o triunfo do orgulho dos cidadãos. A França vinha sendo, séculos seguidos, uma sociedade monárquica orgulhosa — mas desse orgulho, que os reis e nobres exibiam em Versailles e nos "hotéis" do Marais, esta-

vam excluídos todos os outros. O último rei a pensar ainda que secundariamente, em seu povo, havia sido Henrique IV, para quem a felicidade se resumia a um frango, todos os domingos, nas mesas pobres da França. Depois dele, no exercício real do poder, viriam os dois cardeais, Richelieu e Mazarini, que pensaram na **grandeur** do país, e a fundaram em uma espécie de transcendên-

QUANDO A NAÇÃO TEM MENOS CIDADÃOS ORGULHOSOS E MAIS INDIVÍDUOS HUMILHADOS, NÃO PODE ORGULHAR-SE DE SI MESMA.

cia. Para os dois cardeais, talvez pela própria formação eclesiástica, a **grandeur** estava na velha aspiração ao poder universal — essa danação a que parecem condenados os Estados.

Cidadãos orgulhosos fazem nações orgulhosas. Entre o indivíduo e a sua sociedade nacional há aquela mesma tensão, criadora e destruidora, dependendo das circunstâncias, que existe entre o indivíduo e a massa, descoberta magistralmente por Canetti. Reunido em massas organizadas, o orgulho de cada um dos indivíduos que se juntam não se soma apenas; multiplica-se. Assim como o indivíduo se desmancha na massa, nela se inte-

gra, para formar o ser coletivo, conforme nos explica o autor de **Masse und Macht**, o orgulho também se integra no grande orgulho. Quando a nação tem menos cidadãos orgulhosos e mais indivíduos humilhados, e esta é a nossa desgraça, a nação não pode orgulhar-se de si mesma. Para dizer a verdade, a nação também se sente humilhada, espezinhada. Ela é espezinhada nas crianças

que vagueiam nas ruas, procurando a própria alma, ou seja, uma razão qualquer para o orgulho. É espezinhada pela corrupção dos políticos e pela corrupção e violência dos policiais. É humilhada pelos juizes que vendem sentenças e se associam aos ladrões. É vilipendiada pelos arautos de uma elite de velhos e novos **parvenus**, isto é, dos que herdaram de seus ancestrais larápios e dos que tiveram o mérito de roubar eles mesmos. Trata-se de uma elite que se identifica pela qualidade das gravatas e pelo corte da roupa, e não pelas dimensões da honra, nem pela memória do trabalho.

Com todos os seus defeitos, Vargas nos havia legado certo

orgulho nacional, que Juscélio ampliou. Entre 1930 e 1960, com os sacrifícios da guerra e os sonhos da paz, construímos a Vale do Rio Doce, a Petrobrás, as grandes usinas hidrelétricas que mudaram o País. Orgulhamo-nos, também, naquele período, de ter enviado brasileiros a fim de participar da luta contra o nazismo, com seu saldo de sangue e de glória.

Naquele tempo, como todos nós lembramos, não havia tantos **justiceiros**, esses valentes matadores de crianças que dormem, nem canalhas que os remunerassem para isso. Os meninos das favelas vendiam amendoim torradinho, conforme nos mostra a bela crônica daqueles dias, filmada por Nelson Pereira dos Santos, "Rio, 40 graus". Não distribuíam cocaína, nem portavam pistolas automáticas, como disciplinados milicianos do **Comando Vermelho**.

Naquele tempo, embora fosse também injusto, o salário mínimo não era tão humilhante, os ricos não eram tão agressivos em sua opulência, os intelectuais eram menos arrogantes, não havia economistas, nem Banco Central. E mais do que tudo, havendo patriotismo, não havia neolibe-

O AUTOR

Mauro
Santayana
é jornalista

